

15 SET 1985

O GLOBO

# Ida de Sarney à ONU desperta o interesse de Chefes de Estado

BRASILIA — No início de sua gestão, quando decidiu comparecer pessoalmente à 40ª Assembléia Geral da ONU, o Presidente José Sarney pensava no evento como a melhor oportunidade para projetar internacionalmente seu Governo e sua personalidade política. Hoje, segundo avaliações do Palácio do Planalto, esse objetivo está parcialmente cumprido, e o claro sinal disso é o grande interesse que a presença de Sarney desperta em chefes de Estado e chanceleres estrangeiros: Em Nova York, ele falará com pelo menos três Presidentes, além do Secretário de Estado americano, o Chanceler soviético e o Primeiro-Ministro polonês.

A abertura dos trabalhos da Assembléia Geral da ONU, por tradição, cabe ao representante brasileiro. O Presidente Figueiredo, em 1982, foi o primeiro Presidente a comparecer pessoalmente, substituindo o Chanceler. Algumas diferenças e muitas semelhanças, entretanto, separaram os dois momentos. Se Figueiredo se apresentou como o Presidente da abertura, Sarney será visto como o primeiro Presidente civil, depois do ciclo militar de 20 anos, representando, além disso, no dizer dos diplomatas, a renascença política do Brasil.

Ao abordar os principais problemas do cenário internacional, Sarney repetirá muitas afirmações de Figueiredo, numa prova de que o mundo não mudou muito e também de que a política externa brasileira, já elogiada no Governo passado, continua basicamente a mesma. Mas é

importante, ressaltam os assessores, que o próprio Sarney reafirme essa política diante do mundo. Como Figueiredo, ele condenará ingerências externas, clamará pela paz, abordará as relações Leste-Oeste e Norte-Sul, condenará o *apartheid* e enfatizará a necessidade de esforços pela solução dos conflitos na América Central e no Oriente Médio.

No que toca aos interesses brasileiros e do terceiro mundo, José Sarney também pedirá uma ordem internacional mais justa, condenará o protecionismo, responsabilizará os países ricos pelos desequilíbrios econômicos e pedirá mudanças em organismos como o FMI, o Banco Mundial e o Gatt. Suas tintas serão, entretanto, mais carregadas do que as de Figueiredo quando flafalar da dívida externa. Ele deve repetir que o Brasil não pode pagar a dívida externa com a fome e o sacrifício, explicando os compromissos internos de seu governo com o avanço social. Mais à vontade que Figueiredo para falar de democracia, dirá que na América Latina o amadurecimento político depende da estabilidade e do crescimento econômico, ameaçado pelas exigências do FMI e dos credores e pelas barreiras protecionistas.

Nas conversas que terá com chefes de estado estrangeiros que lhe pediram audiência — Figueiredo só conversou com o Secretário — Geral da ONU e com o Secretário de Estado norte-americano, George Shultz — Sarney demonstrará sua autonomia para tratar pessoalmente de

assuntos econômicos e diplomáticos, traço de sua personalidade já reconhecido, segundo diplomatas, no cenário mundial.

Com Miguel de La Madrid, Presidente do México, certamente haverá uma troca de informações sobre os caminhos adotados pelos dois países para o problema da dívida. A receita do FMI para o México tem sido mais rígida e impositiva do que a aceita pelo Brasil.

Com George Shultz, a agenda é ampla e diversificada, mas Sarney sem dúvida insistirá no fim do protecionismo e na questão dos juros internacionais, além da pauta de assuntos diplomáticos. O pedido de audiência do Chanceler soviético Eduard Chevardnaze é visto como uma tentativa de neutralizar a antecipação dos Estados Unidos, ao mesmo tempo em que traduz as mudanças que ocorrem — mesmo que não estruturais — no interior da URSS.

O Primeiro-Ministro polonês, Miroslav Jaruzelski, tem muito interesse em conversar com o Brasil, pois a Polônia precisa abrir janelas para o Ocidente, face a seu isolamento decorrente da insolvência econômica e do confronto político interno com os trabalhadores. A Polónia continua sendo devedora do Brasil e seu principal fornecedor de carvão, ao lado dos Estados Unidos.

Por fim, o Presidente, além de firmar um papel de liderança no Continente, espera colher dividendos políticos internos, decorrentes da força do pronunciamento e até mesmo de cuidados com a austeridade da viagem.